

# EUA resolvem dar mais atenção aos apelos de Funaro

Washington — Reuters

Roberto Garcia  
Correspondente

Washington — O governo americano concluiu nos últimos dias, após uma série de reuniões interministeriais convocadas às pressas pelos formuladores de política do presidente Reagan, que tratar com indiferença os apelos de cooperação feitos pelo Brasil pode sair caro demais. Por sua vez, os bancos credores continuaram a dar sinais de uma nova flexibilidade e maior boa vontade em relação aos seus grandes devedores.

A nova posição do governo Reagan aparentemente já surgiu efeito na reação compreensiva dos Estados Unidos às gestões que o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, realizou nesta sexta-feira para conseguir mecanismos de financiamento mais abundantes e generosos para o Brasil. Após dois dias de contatos intensos na capital americana, Funaro seguiu ontem para a Europa, onde continuará as sondagens junto aos membros das equipes econômicas da Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, Suíça e Itália.

O quase pânico que se instalou na bolsa de ações no início da semana passada, depois da suspensão de pagamentos de juros da dívida a longo prazo e o perigo de que o gesto brasileiro fosse repetido por outros países latino-americanos com problemas de serviço de dívidas convenceram o governo Reagan a ouvir com mais atenção o recado vindo de Brasília, afirmou um assessor da equipe econômica americana. Levando em conta que os apelos de Funaro não parecem ser absurdos, pelo menos à primeira vista, a conclusão inicial foi examinar o pedido do ministro da Fazenda brasileiro.

Um sinal da atitude dos bancos foi dado por Rimmer de Vries, o vice-presidente do Morgan Guaranty Trust: "Se o governo brasileiro apresentar um programa decente de estabilização econômica, poderemos entrar num acordo". De vontade política, tudo vai sair bem".

Temendo que a suspensão de pagamentos de juros se generalizasse, os grandes bancos americanos começaram a dar sinais de grande disposição para concluir acordos



Funaro ficou satisfeito com a reação dos americanos

com os governos dos países endividados da América Latina. Nos últimos dez dias esses bancos assinaram acordos de reescalonamento da dívida com a Venezuela e o Chile. Na quarta-feira, o Citibank anunciou que um enorme acordo de reestruturação da dívida do México, que inclui substancial injeção de novos empréstimos, será assinado no próximo dia 20 e março. Na quinta-feira, tanto o governo americano como outros países credores anunciaram um empréstimo-ponte de 500 milhões de dólares para Argentina, a fim de dar tempo àquele país para concluir as negociações de um pacote de reescalonamento que incluirá 2,5 bilhões de dólares de novos empréstimos.

Levando em conta que o gover-

no brasileiro anunciou sua disposição de limitar em 7 bilhões de dólares seus pagamentos da dívida neste ano, 5 bilhões seriam necessários em novos empréstimos. Como os organismos governamentais de financiamento deverão anunciar reabertura de suas portas para o Brasil na reunião do Clube de Paris no dia 12 de março, a parte desses 5 bilhões de dólares que teria de ser desembolsada pelos bancos não deverá ser superior ao montante que eles terão que dar para a Argentina ou para o México. "Pode ser mais barato para nos dar 3 bilhões de dólares em novos empréstimos do que entrar numa confrontação com o Brasil", disse um dos membros da comissão de 14 bancos que coordena a posição dos credores particulares do país.